

## “NÃO TEMOS RECONHECIMENTO NENHUM”: DESVALORIZAÇÃO E PRECARIIDADE NO TRABALHO ARTESANAL DE MULHERES

Amanda Motta Castro

*Universidade Federal do Rio Grande/FURG*

**RESUMO:** Este texto é um recorte da pesquisa de doutorado defendida em 2015. Os escritos aqui apresentados busca problematizar a questão do trabalho artesanal realizado no município de Resende Costa, ali a grande maioria das pessoas sobrevivem da tecelagem manual. Neste lugar tem um dito popular que foi ouvido muitas vezes durante a pesquisa empírica: “Em Resende Costa em todas as casas existe um tear”. Nesse sentido, a economia deste município gira em torno das 98 lojas de artesanato. A metodologia da investigação teve como base a pesquisa participante e a metodologia feminista. Como técnicas de pesquisa foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, observação participante e diário de campo. A análise dos dados foi embasada na hermenêutica feminista. Entre os resultados encontrados constatamos que as mulheres ensinaram os homens a tecer, e estes passaram então a fazer um trabalho que antes era quase que exclusivamente das mulheres. Fica a pergunta: homens e mulheres então tecem lado a lado? Compartilham da mesma dificuldade? A empiria nos mostrou que não: Enquanto a batalha das mulheres é travada conciliando trabalho domestico, cuidado de filhos e filhas, os homens, em grande maioria, trilham um caminho bem diferente. Aqui tencionaremos as relações entre os sexos na tecelagem manual e a desvalorização e precariedade do trabalho desenvolvido entre as montanhas de Minas Gerais.

**Palavras-chave:** Trabalho de mulheres, Estudos Feministas, tecelagem manual.

### **Introdução: resende costa a cidade dos teares**

Este texto apresenta a pesquisa de doutorado defendida em 2015, intitulada “*Fios, Tramas, Cores, Repassos e inventabilidade: A Formação de tecelãs mineiras*”.

Resende Costa<sup>1</sup> situa-se no estado de Minas Gerais. Neste município é comum o seguinte dito popular: “Em Resende Costa, em cada casa existe um tear”. Esse dito é um fato quando se pisa no lugar geográfico onde se acordada com o barulho dos teares. O município tem área total de 631.561 km<sup>2</sup> e está localizado a 186 km de Belo Horizonte, segundo dados do IBGE de 2010, sua população é de 10.941 habitantes.

No município há uma biblioteca municipal que empresta livros para a comunidade. Ali não existe cinema nem teatro. A cidade conta com três semáforos, dois postos de gasolina, três pousadas, uma praça, duas farmácias, uma da Igreja Católica, e outra da Igreja Assembleia de Deus, dois mercados e 98 lojas de artesanato.

---

<sup>1</sup> Informações obtidas no arquivo de Resende Costa, durante pesquisa empírica no mês de julho de 2011 e disponíveis em: <<http://www.camaraderesendecosta.mg.gov.br/>>. Acesso em: 4 set. 2009.

Em Minas Gerais a participação no artesanato dos fios também é predominantemente de mulheres.<sup>2</sup> Porém, no início da década de 1980, o pequeno município mudou a tradição: em Resende Costa, homem também tece.

Com sua pequena população, os homens de Resende Costa iam trabalhar na capital mineira ou paulista e, frequentemente, ficavam fora por longos períodos, distantes de suas famílias. As mulheres permaneciam em casa, trabalhando nos afazeres domésticos, na criação dos filhos e filhas e na tecelagem manual. O trabalho nos teares manuais de Resende Costa faziam com que elas vestissem suas famílias e criassem peças para a casa, como colchas, tapetes e toalhas. Também era parte do trabalho das mulheres ensinar às filhas as técnicas dos teares para que estas reforçassem o sustento da família. A tecelã Azul<sup>3</sup> explica:

O problema é que não tinha trabalho aqui em Resende Costa. Os homens iam embora e nós ficávamos sozinhas cuidando de tudo por aqui. A gente ficava sem notícia, não tinha telefone e essas coisas que agora a gente tem. Mas, mesmo se tivesse, acho que nós íamos começar a ensinar os homens a tecer porque aí fica a família toda junta e perto e fica bom. (Tecelã Azul, durante entrevista em julho de 2011).

Deste modo, em Resende Costa, o trabalho de tecer nasce da necessidade cotidiana de cuidar da família e é ampliada pelo desejo de que os homens tivessem trabalho perto de suas famílias. Aqui, cada família desenvolve seu artesanato, geralmente no fundo de suas casas, e realiza a venda em lojas organizadas na frente de suas casas, por encomenda, ou ainda dentro de suas casas, em geral na sala.

No início da década de 1980, a ação das mulheres de ensinar a tecer, não somente às suas filhas como também aos homens, criou um município onde a principal fonte de renda é a tecelagem manual, seja pela venda das peças produzidas nos teares, seja pelo trabalho direto nos teares ou no comércio local para atender turistas. A venda de tecelagem atrai turistas de todas as partes que lotam as ruas do pequeno município nas montanhas de Minas Gerais.

---

<sup>2</sup> Afirmação feita com base na pesquisa empírica e durante a realização do estado da arte. No sul de Minas, onde há uma forte presença da tecelagem, são quase exclusivamente as mulheres que tecem. (MEDEIROS, 2002; DUARTE, 2002).

<sup>3</sup> Sabe-se que a discussão acadêmica sobre a citação verdadeira dos nomes das pessoas pesquisadas é longa e divide opiniões. Nesta investigação optou-se por identificar as pessoas que compõem esta pesquisa por cores e não pelos nomes verdadeiros. Esta decisão orienta-se pelos escritos de Wivian Weller (2010, 2011). De acordo com esta autora, o nome verdadeiro das pessoas com as quais se realizam pesquisas não deve ser colocado em trabalhos acadêmicos. As pessoas podem mudar de opinião, de profissão, de vida. Desse modo, podem não querer a publicação de alguma coisa do que eram no passado. A autora que fez sua Tese de Doutorado com jovens negros em São Paulo e jovens Turcos na Alemanha entende que o nome e histórias de vidas devem ser preservados como um ato de respeito à vida das pessoas que cooperam com nossas pesquisas.

## **Pesquisa participante e metodologia feminista**

A opção metodológica da pesquisa aqui apresentada foi fundamentada na pesquisa participante, na metodologia feminista. Portanto, a metodologia deste trabalho aponta o compromisso com o Feminismo e a Educação Popular.

A pesquisa participante surgiu em 1960, num contexto de lutas sociais, por iniciativa de pesquisadores e pesquisadoras, especialmente da América Latina, envolvidos com projetos de pesquisa social. Naquele contexto, ela visava à aproximação entre os/as pesquisadores/as e as pessoas inseridas na dura realidade que queriam transformar. Sendo assim, a pesquisa participante passou a existir como contraponto e alternativa teórico-metodológica aos modelos de ciências sociais de herança positivista e funcionalista, oriundos principalmente da América do Norte (BRANDÃO, 1986).

Participação é uma categoria muito trabalhada por Paulo Freire, sobretudo nas obras *Política e Educação* (2001), *A educação nas cidades* (1991) e *Educação e Mudança* (2008). Para Freire (2003), a participação pode ser entendida como o exercício de voz, de ter voz, decidir, exercitar a cidadania e lutar por transformação social e emancipação.

É dentro desse contexto que se constrói a pesquisa participante: “A participação popular é a ferramenta capaz de romper com a tradição de sociedade elitista excludente” (FREIRE, 1991, p. 16). Nas palavras de Carlos Rodrigues Brandão (1986, p. 43), “a pesquisa participante deve ser praticada como um ato político claro e assumido”.

Além da pesquisa participante, trabalhou-se com a metodologia feminista. De acordo com Elí Bartra (2002), a metodologia feminista é feita a partir do ponto de vista feminista, trabalhando principalmente nas experiências de vida. Nesse sentido, ela diz que

el punto de vista feminista es, antes que nada, el punto de partida, en arranque, el comienzo de ese camino que llevará al conocimiento de algún proceso o procesos de la realidad, ese camino que se va haciendo a medida que se desarrolla la investigación. (BARTRA, 2002, p. 148).

Graciela Hierro (2007, p. 13) assegura que “la investigación feminista surge de la consideración de lo que hacen las mujeres y de cómo lo hacen observado por las mismas mujeres”. Sendo assim, pode-se pensar a metodologia feminista como forma de fazer pesquisa com mulheres, sendo estas analisadas por nós mesmas. Esta metodologia contém um caráter abertamente político por buscar conhecer e reconhecer o passado, entender o presente e preparar o futuro com um novo olhar: de transformação e mudança. (HIERRO, 2007; HARDING, 2002).

Dessa forma, a metodologia feminista trabalha procurando desconstruir a visão androcêntrica da pesquisa tradicional, buscando que, a partir da experiência, as mulheres falem do seu cotidiano.

Por meio da suspeita, tenta-se identificar “[...] a existência de tradições perdidas e visões de liberdade ainda não percebidas pela visão tradicional”. (EGGERT, 1999, p. 24). Elaine Neuenfeldt (2008) declara que a suspeita como instrumento metodológico é importante para a análise das entrelinhas do não dito. Para a autora, a suspeita se inicia a partir das evidências implícitas com a presença do corpo.

Aqui devemos ter os nossos corpos em sintonia e presença no local onde estamos. Implica ouvir os silêncios, os gemidos, as dores, os suspiros. Muitas vezes a realidade é de silêncio, de não-fala [...] é preciso um exercício de suspeita e de sensibilidade para escutar e sentir nas entrelinhas, os entre-ditos, os silêncios, os gestos e posturas do corpo. (NEUENFELDT, 2008, p. 81).

Obviamente, como se está na oposição à pesquisa androcêntrica que impera na academia, provavelmente apareça de alguma parte, a pergunta que as feministas estão muito acostumadas a responder sobre a necessidade ou não de uma pesquisa que trabalhe com a metodologia feminista. Nas palavras de Bartra (2002, p. 155), “el método sirve, pues, como un destructivo peine fino que se usa para modificar el androcentrismo aún reinante y crear un mejor conocimiento, con menos falsificaciones”. Hierro (2007, p. 14) acrescenta ainda que “a través de la metodología feminista que se utiliza para conocer y reconocerse en el pasado, entendemos el presente y prepararemos el futuro”.

### **Desvalorização e precariedade no trabalho artesanal de mulheres**

De acordo com o dicionário brasileiro, trabalho é um conjunto de atividades realizadas, é o esforço feito por pessoas, com o objetivo de atingir uma meta. O trabalho também pode ser abordado de diversas maneiras e com enfoque em várias áreas, como na economia, na física, na filosofia, e marca diversos estudos, inclusive nas Ciências Sociais.

Segundo Allan Johnson (1995), trabalho é toda atividade que gere um produto ou serviço para uso imediato ou de troca.

Para Karl Marx (2008), o trabalho é essencial e um ato que se passa entre os seres humanos e a natureza. Para o autor, trabalho é tanto o processo quanto o produto de algo produtivo. Para a antropologia, o trabalho, de alguma forma, constitui uma característica geral da ação humana, sendo essa uma atividade pela qual o ser humano modifica o mundo e a natureza. Isso é realizado de

forma voluntária e consciente, pois seres humanos precisam satisfazer suas necessidades básicas, como, por exemplo, as de alimentação, habitação, moradia, lazer e cultura. (HIRATA, 2008, 2010).

As feministas, sobretudo da América Latina, têm se debruçado para realizar estudos sobre o trabalho feminino. Isso porque o trabalho realizado pelas mulheres tem peculiaridades, e duas delas, são a desvalorização e a precariedade. Obviamente, poderíamos agregar aqui muitas outras questões: exploração (SAFFIOTI, 1976), invisibilidade (BARTRA, 2008), divisão sexual do trabalho (HIRATA, 2008).

Contudo, para a escrita da tese foi delimitado as análises, mesmo que o material empírico lhe dê possibilidade de pensar em muitas outras questões. Desta forma analisamos o trabalho realizado em Resende Costa por meio de dois eixos: desvalorização e precariedade. Essa escolha ocorreu porque, durante a empiria, foram percebidos, por diversas vezes, esses dois eixos demarcando e acompanhando o trabalho artesanal.

Durante a pesquisa, quando a pergunta era sobre o trabalho da tecelagem, ou ainda, se gostariam de ter um outro trabalho, a resposta era imediata, sem precisar pensar muito: “*sim, é um trabalho bonito, gosto de fazer, mas a gente ganha muito pouco, é um trabalho que não tem valor.*” A tecelã Azul Turqueza diz:

O artesanato dá aquela sobrevivência de ter o que comer de existir uma coisa que menos tem, mas fazer a vida com artesanato não é possível, quem faz a vida com artesanato é aquele que está lá na loja. (entrevista com a tecelã Azul Turqueza. Julho de 2011).

O trabalho dos fios é cansativo, desgastante, e as pessoas que trabalham nas montadas de Minas Gerais apontam que: “eu queria trabalhar e ter meu salário todo mês, poder contar e fazer as coisas que tenho para fazer; eu não sei se vou receber no final do mês, não sei quando”. (Tecelã Cinza Fosco, entrevista em junho de 2011).

É fato que, juntamente com a feminilização de uma profissão, vem junto a desvalorização e precariedade. Guacira Louro Lopes (2006) constata essa realidade em seus escritos desde seus estudos de doutorado. Em 1986, ela defendeu, na UNICAMP, a tese intitulada *Prendas e Antiprendas. Uma história da educação feminina no Rio Grande do Sul*, sob a orientação de Dermeval Saviani. Louro Lopes trabalha com a questão da feminilização do magistério a as consequências disso, sobretudo no salário das professoras. Quem não lembra da declaração de Maluf<sup>4</sup>, em 1986: “Professora não é mal paga, é mal casada”.

---

<sup>4</sup> Além desta frase, uma outra saiu de sua boca durante a campanha eleitoral de 1898: “Se está com desejo sexual, estupra, mas não mata” Maluf é político brasileiro nascido em São Paulo, em 1931. Marca a

Assim como o magistério, o artesanato dos fios foi, durante anos, em Resende Costa, um trabalho de mulher, reafirmando os escritos de Michelle Perrot (2007) e Heleieth Saffioti (2014) que afirmam terem as mulheres sempre contribuído para o sustento das famílias e gerado riquezas. Assim, sempre estiveram trabalhando. Referente a isso, a tecelã Lilás pontua:

Quem manda nos teares são as mulheres uai, foram nós que começamos a tecer. Eu teço há 60 anos estou com 75, ensinei todas as minhas filhas a tecerem. Eu aprendi com a minha mãe, isso porque minha bisavó tecia, minha avó tecia, minha mãe tecia, eu teci muitos anos, mas agora não tenho mais força nas pernas. Mas minhas filhas tecem e agora elas têm lojas lá no asfalto. Todas as mulheres da família teceram, os homens não. Até hoje, aqui em Resende Costa, as mulheres tecem mais, eu não sei por que, mas as mulheres tecem mais. (Tecelã Lilás durante entrevista em julho de 2011).

Segundo o Tecelão Bordo, o trabalho está tão desvalorizado que ele não faz mais as contas de quanto ganha:

[...] mais ou menos, a gente não faz o cálculo certo porque se fizer aí pára até de trabalhar porque ganha muito pouco, em relação ganha muito pouco, mas é bom que a gente se diverte, esse aqui é um divertimento quase (entrevista com o Tecelão Bordo, julho de 2011).

Comenta-se também muito, durante a empiria, com palavras e histórias que reafirmam os escritos de Marcela Lagarde (2015) sobre a função social da mulher ser a casa, a maternidade e o cuidado com os/as filhos/as:

Olha, a tecelagem já dá pouco, ainda nós temos que fazer todo o serviço da casa e de cuida de menino. Então é muita coisa, os homens ganham mais do que nós, porque não tem toda essa carga de trabalho além do tear. Se nos tivéssemos só o tear dava mais um pouco de dinheiro. (Tecelã Vermelho durante entrevista em julho de 2012).

Hoje os homens também tecem, mas a atividade continua principalmente nas mãos das pessoas mais pobres, confirmando assim os escritos de Bartra (2004, 2008).

A tecelagem está na mão dos populares. Existe uma... Não sei nem como colocar essa situação, mas existe assim grande diferença de concentração de recurso, está na mão de poucos, como é em todos os lugares. Mas o que acontece? Não se ganha mal. Todo mundo ganha, só fica à toa aqui quem quiser se quiser trabalhar tem aonde trabalhar. Às vezes essa diferença, mas aí que eu vejo que já não depende muito da questão social, a questão é a seguinte: tem gente que é empreendedor, que tem visão, que investe. Então, aquele que arrisca a cara, lógico, que quer crescer e que tem esse espírito empreendedor, ele vai correr mais esse risco, mas também a chance de obter sucesso é muito maior. Mas não dá pra todo mundo ser dono de loja, se não quem vai produzir né? E, às vezes, as pessoas não entendem muito essa

---

trajetória de Maluf inúmeras acusações de corrupção, desvio e lavagem de dinheiro. O político foi preso em 2005. Infelizmente, depois deste acontecimento, o político de direita voltou à cena política brasileira. Disponível em: <<http://xicosa.blogfolha.uol.com.br/2012/06/19/as-dez-melhores-piores-frases-de-maluf/>>. Acesso em: agosto 2014.

questão. Agora, sim, tem muita gente que se sobressai, que ganha muito dinheiro com artesanato; tem gente que já ganha menos, mas é uma questão de investimento do que a pessoa quer. (Tecelão Azul Marinho, durante entrevista em julho de 2011).

Deste modo, verificamos que a tecelagem é um trabalho feminino, que foi ampliado pelos homens, sem certificação nem registro formal. As pessoas que sobrevivem deste trabalho contam a dificuldade de ganhar a vida em um trabalho desvalorizado:

O pessoal ainda trabalha porque vende muito, então na quantidade da pra tirar um pouco, mas a pessoa ganha cinquenta centavo no tapetinho, é muito pouco, se você tirar um dia aí de trinta reais, você tem que tecer sessenta tapetinhos, é muita braçada num dia todo. eu tenho um lucro maior eu não trabalho para os outros, tenho um lucro maior, eu tiro uns quarenta reais. (Tecelã Dourada, durante entrevista em julho de 2011).

A tecelã Dourada conta:

É um trabalho difícil, você não vai trabalhar poucas horas, tem que trabalhar muito para ganhar pouco, não dá para ganhar muito. Mas parece que ele é muito abençoado, é abençoado sim porque a Nossa senhora foi tecedeira (Tecelã Amarelo, durante entrevista em julho de 2011).

A dificuldade de trabalhar num espaço que não traz segurança de aposentadoria nem de doença tem um baixo ganho financeiro e traz problemas na saúde. É o cotidiano de mulheres e homens diariamente em Resende Costa, mas o tecelão Bordo explica: “o ganho da gente aqui é muito pouco...que muita gente não dá valor ao que a gente faz aqui, entendeu?” (entrevista com Tecelão Bordo, julho de 2011).

É comum ouvir das pessoas em Resende Costa que gostam de tecer, que consideram o trabalho terapêutico e bonito. Em geral, acredita-se que “entrar no tear é muito bom para a cabeça da gente, a gente se sente bem porque não tem tempo para pensar em tristeza nem em problema” (Tecelã Bronze durante pesquisa participante, 2012).

A preocupação em exercer um trabalho precário e desvalorizado sobressai em várias falas e sentimentos:

Eu gosto de trabalhar no tear, quando entro no tear não fico pensando em problemas, pra mim o tear é uma terapia que junto me dá um dinheiro, é um dinheirinho porque não é muito, é pouco. Tem muita gente que acha e pensa que para tecer não precisa nada só entrar no tear e bater e tudo está pronto, não é que eu ache que tecer é importante, eu não acho que não é muito sabe?! Porque é só tapete que eu teco, eu nem sô fichada<sup>5</sup>, é quase um trabalho de casa sabe? Mais tecer cansa, dá dor nas pernas e nos braços, a gente fica cansada e eu ganho cinquenta

---

<sup>5</sup> Expressão utilizada pelas tecelãs referindo-se às lojas de artesanato localizadas no centro do município.

centavos para tecer um tapetinho, mais eu ganho um dinheirinho, é o que tem pra eu fazer. (Tecelã Dourada, durante entrevista em julho de 2011).

A preocupação com a aposentadoria, com a possibilidade de ter licença gestante e entrar no INSS, caso fique doente, é uma preocupação real e presente.

Fico preocupada, se eu fico doente? Se não consigo mais trabalhar? Aí eu faço o que? Por isso que eu sempre digo que não posso ficar doente, nem colocar atestado para não trabalhar, mesmo doente a gente tem que vim. (Tecelã Cinza durante observação participante, 2012).

A preocupação da tecelã Cinza em não poder adoecer é verdadeira, e outras falas compartilham o mesmo sentimento:

Não adianta para entrar no tear tu tem que tecer muito, não tecer pouquinho, não tem ficar doente nem nada disso. Tem tear que tece muito ganha, que nem a minha mãe sustentou os filhos dela tudo com o tear, tudo a casa toda ela que pagava as despesas quase tudo com o tear. A minha mãe teve dez filhos aí morreu um ficaram nove filhos, foi tudo criado com tear, ela teceu desde novinha também então ela que sustentava. Só que naquela época ganhava mais porque naquela época pouca gente tecia, não era todo mundo que tecia sabe, e tecia colcha, tapete coisas que rendiam mais. Agora hoje, hoje todo mundo tece aí você ganha mais pouco né. A pessoa que entra no tear fica o dia inteiro no tear, sustenta a família. O tear como diz, sustenta sim, não é muito dinheiro, mas dá para você viver. (Tecelã Dourada, durante entrevista em julho de 2011).

Durante a escuta, foram muitas as pessoas que queriam deixar de tecer para ter outra ocupação mais valorizada, com salário fixo, carteira assinada, férias e 13.<sup>o</sup> salário, mas a pergunta é: o que fazer? Como fala a tecelã Cinza Claro, muito emocionada: “Pois... eu não tenho condições de montar uma loja, não estudei muito, vivo aqui numa cidade pequena, quase perdida, o que mais posso fazer? (Tecelã Cinza Claro durante observação participante, 2012).

Dessa forma, a maioria fica nos teares e busca consolo:

Ah! porque eu acho que tecer é melhor que ser um servente de pedreiro ou ganhava quase a mesma coisa...só que o tear tinha que fazer muito, o dia todo, mas pelo menos saia limpinho de lá, né. (Tecelã Verde Fosco, durante entrevista em julho de 2011).

A precariedade deste trabalho nos salta aos olhos quando ouvimos a preocupação quase desesperada das mães em procurar que seus filhos e filhas não permaneçam toda vida no tear. Nas palavras da tecelã de 34 anos:

Aprendi sozinha, minha vó e minha mãe ficavam ali no tear tecendo, e eu ia vendo, até o dia que minha mãe disse T. entra no tear. Então, eu teci o primeiro tapetinho e nunca mais sai do tear. Hoje sustento meus filhos do tear. Mas não



quero que meus filhos aprendam a tecer e fique aqui a vida toda, é um trabalho difícil. (Tecelã Azul Forte, durante entrevista em julho de 2012).

A Tecelã Violeta Claro tem 14 anos. Sonha em ir para a universidade em São João Del Rei, para ser médica. A menina trabalha no turno inverso ao da escola. Começou a tecer para poder comprar algumas coisas para ela, como batom, roupas e material escolar. O dinheiro também ajuda a mãe e a irmã, que são tecelãs.

Foi difícil conseguir falar com a tecelã Violeta Claro, isso porque o dono da loja que a contratou para tecer, sem carteira assinada, e a pagava por peça tecida, esteve quase todo o tempo por perto. Por vezes, respondi as perguntas pela menina. Explicou-me várias vezes que ela insistiu para trabalhar, que ele paga direitinho pela produção da menina e que, em dia de prova na escola, ela não precisa ir trabalhar, mas que, evidentemente, não recebe pagamento. A tecelã explica que:

Eu aprendi com minha mãe em casa, ela sempre trabalhou com tear, então ela ensinou eu e minha irmã, agora todas nós três tecemos. Eu trabalho só meio período porque quero ser médica. Aqui no tear a gente ganha pouco, mas eu gosto de tecer, foi o que minha mãe me ensinou e, com o tear, eu ganho meu próprio dinheiro e ajudo também nas despesas lá de casa. (Tecelã Violeta, observação participante em julho de 2012).

De todas as tecelãs entrevistadas ou com as quais conversei, durante a observação participante, nenhuma delas quer que seus filhos e filhas trabalhem na tecelagem.

Acho que meus filhos vão ter outros caminhos, eles vão estudar. A gente não estudou quase, eu quero que eles estudem, que formem, que arrumem qualquer coisa na vida e não fiquem igual nós batendo tear o dia inteiro quando dá [...] é um trabalho bonito sabe, eu gosto, mas é um trabalho dolorido. (Tecelã Azul Fosco durante entrevista em julho de 2012).

O incentivo para que os jovens estudem e larguem a tecelagem também vem de todas as partes. Durante as entrevistas, as tecelãs sempre incentivam jovens a trilhar outro caminho.

Muitos jovens aprendem e largam o artesanato. Largam e aí fica nós, que não tem como sair...Quem pode sair tem que sair...Tem que estudar, evoluir, porque tear não dá dinheiro não. Dá dinheiro para sobrevivência... (Tecelã Azul Turquesa durante entrevista em julho de 2011).

Esta é uma característica da precariedade do artesanato brasileiro: Não existe o menor interesse em que as próximas gerações trabalhem com o artesanato, e existe todo o esforço possível para a saída das pessoas desse trabalho. A tecelã Laranja, que tem 3 crianças: 2 meninos e uma menina, assim se expressa: “Eu estou fazendo de tudo, batendo tear de segunda a segunda, todos os dias quase sem descanso, meus filhos vão ser doutor, todos, nenhum vai ficar fazendo tecelagem”. (Tecelã Laranja durante observação participante, 2012).

O desejo da não precariedade para filhos e filhas, amigos e amigas faz com que o anseio coletivo impulse os jovens a sair do trabalho da tecelagem:

Mas o pessoal de Resende Costa não trabalha com a perspectiva de ficar a vida toda num tear. Você vai ver muito adolescente tecendo aí, muita gente que faz faculdade, gente trabalha o dia inteiro, que acorda seis cinco horas da manhã, mas que não quer ficar, mas eles não têm a vontade de ficar a vida inteira no tear. (Tecelão Marfim durante entrevista em julho de 2011).

Em Resende Costa, a tecelagem é compreendida como um trabalho que potencializa o sustento financeiro das pessoas dessa comunidade; entretanto, na mesma medida, se compreende este trabalho como precário, desvalorizado e com um futuro cheio de inseguranças, sobretudo por não ser um trabalho com segurança trabalhista. Quem já está na tecelagem permanece. Várias vezes, nas falas, as pessoas se dizem gratas pelo trabalho que as sustenta, mas de forma alguma desejam tal insegurança e trabalho difícil e dolorido para as próximas gerações de suas famílias.

### **Arremates Finais**

A epígrafe desse texto traz a fala da tecelã amarela “Não temos reconhecimento nenhum”. A precariedade do trabalho artesanal pode ser verificada na força com que as mulheres do lugar desta pesquisa buscam tirar, principalmente suas filhas, deste trabalho. Todas as entrevistadas afirmaram que gostam da tecelagem, que gostam de tecer e que acham bonito e útil que as filhas aprendam a tecer. Contudo não querem que permaneçam no tear porque, segundo elas, é um ofício em que se trabalha muito, se ganha pouco dinheiro e se adoce bastante.

Na primeira vista de Resende Costa, se tem a sensação de que o dito popular no município é correto e preciso: “Em Resende Costa não tem machismo, todo mundo tece igual, tanto os homens como as mulheres” (LIMA, 2010). De qualquer lado que olhamos, tem gente tecendo e barulho de tear. Por onde se passa, há poeira dos fios e mulheres sentadas nos muros baixos arrematando tapetes; vê-se homens e mulheres tecendo. Desse modo, olhando assim, à primeira vista, parece que tudo está indo muito bem, com relações de gênero justas e igualitárias. Contudo, quando começamos a ouvir as pessoas e a reparar o que não está dito nem é evidente aos olhos, percebemos uma outra história. O reconhecimento do trabalho é pouco, as mulheres trabalham conciliando artesanato e trabalho doméstico e muitas meninas no início da adolescência já estão no trabalho da tecelagem diferente dos meninos dessa idade. Os homens que entrevistei ou com os quais conversei durante a empiria são aposentados do primeiro trabalho, isso porque seguiram pagando o INSS para garantia de direitos trabalhistas; são os principais donos das lojas de artesanato ou trabalham com

outros processos de comercialização de produtos para tecelagem, como a venda de retalhos vindos de Santa Catarina, fios e na fabricação e conserto dos teares;

Essas questões fazem com que as relações de gênero no trabalho da tecelagem não sejam justas e igualitárias. As aparências de que tudo está muito bem nas relações de trabalho não é o que comprovamos quando contatamos com as pessoas imersas nesse cotidiano.

O que realmente ocorre é que as relações são desiguais e injustas às mulheres no sentido de permanecerem no tear, alternando o trabalho da tecelagem com o trabalho doméstico; dessa forma, se perpetuam no espaço privado. Por essa razão, as mulheres têm uma produção em geral menor do que a dos homens e, em consequência disso, ganham menos dinheiro.

Na maioria dos casos, existe uma grande tendência de que as meninas permaneçam no trabalho com os fios, isso porque, quando atingem cerca de 12 anos e querem ganhar um dinheirinho para comprar coisas para si ou ajudar nas despesas domésticas, elas veem no tear uma boa forma de ganhar um dinheirinho.

Sendo assim, se perpetua, no mundo privado dos fios, as mulheres alternando simultaneamente o trabalho doméstico e o cuidado com os/as filhos/as e o marido. Elas trabalham como malabaristas para conseguir fazer todas as coisas que estão socialmente destinadas às mulheres: “Homem muito pouco mexe com coisa de casa, muito pouco ajuda. Eles mais é que trabalham mesmo, acho que a gente nasceu pra isso, fazer um pouco de tudo. (Tecelã Marrom, durante observação participante, 2011).

Para o feminismo, o privado é político e o trabalho diário de fazer esse movimento - politizar o privado – é uma das formas de reverter à marginalização do trabalho desenvolvido pelas mulheres.

## Referências

CASTRO, Amanda Motta . **Fios, tramas, cores, repassos e inventabilidade: A formação de tecelãs em Resende Costa, MG**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências Humanas. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2015.

BARTRA, Eli. Reflexiones metodológicas. *In*: BARTRA, Eli (org.). **Debates en torno a una metodología feminista**. Universidade Autónoma Metropolitana. Xochimilco, 2002.

BARTRA, Elí. **Rumiando en torno a lo escrito sobre mujeres y arte popular**. La ventana [online], Guadalajara, vol. 3, n. 28, p. 7-23, 2008.

BARTRA, Eli (org.). **Criatividade invisible. Mujeres e arte popular en América Latina e Caribe**. Universidade Autónoma Metropolitana. Xochimilco, 2004.

EGGERT, Edla. A mulher e a educação: possibilidades de uma releitura criativa a partir da hermenêutica feminista. **Estudos Leopoldenses – série Educação**, São Leopoldo, v. 3, n. 5, jul./dez. 1999.

EGGERT, Edla. Trabalho precário x profissionalização de tecelãs: um desafio para a formação educacional no campo do artesanato gaúcho. *In: Anais do VIII Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia e Gênero*. Curitiba: UFTPR, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. Um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 45. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

HARDING, Sandra. ¿Existe uno método feminista? *In: BARTRA, Elí (org). Debates em torno a una metodología feminista*. UAM. Cidade do México, 2002.

HIERRO, Graciella. **De la domesticación a la educación de las Mexicanas**. Torres Asociados, 2007.

HIRATA, Helana. **Dicionário crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 1010.

HIRATA, Helana. **Mercado de trabalho e gênero: comparações internacionais**. Rio de Janeiro, FGV Editora, 2008.

JOHNSON, Allan. **Dicionário de sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

LAGARDE, Marcela. **Cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas**. 4. ed. Ciudad del México: UNAM, 2015.

LIMA, Maria Alice Silverio. **Arte Popular in Natura: Artesanato Em Pedra, Fios, Barro, Fibras**. Rio de Janeiro: Réptil, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. *In: PRIORE, Mary del (org). História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Costexto, 2006.

MARX, Kal. **O capital crítica da economia política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

MEDEIROS, Mitiko Kodaira. **O segredo da trama: desvendando a comunicação na tecelagem popular brasileira**. 2002. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Comunicação, São Paulo: Universidade Paulista, 2002.

PERROT, Michelle. **Minha história sobre as mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

SAFFIOTI, Heleieth. I. B. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

SAFFIOTI, Heleieth. I. B. Gênero e patriarcado. *In*: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely de. **A mulher brasileira nos espaços públicos e privados**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.